



A 33/12 dezembro 1980

Liahona



**A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA**

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

**CONSELHO
DOS DOZE**

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer

Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

David B. Haight
James E. Faust

**COMITÊ DE
SUPERVISÃO**

M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier

**EXECUTIVO DO
INTERNATIONAL
MAGAZINE**

M. Russell Ballard
Editor;

Larry Hiller,
Editor Gerente;

Carol Larsen,
Editor Associado;

Connie Wilcox
Seção Infantil

Roger Gylling,
Desenhista

**EXECUTIVO DE
«A LIAHONA»**

Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;

Paulo Dias Machado,
Editor;

Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;

Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

DEZEMBRO 1980 PBMA0529PO S. PAULO — BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 Mensagem da Primeira Presidência:
Nosso Maior Presente — Participantes da Obra do Senhor,
Presidente N. Eldon Tanner
- 6 O Natal em Nosso Lar, Emily Smith Stewart
- 8 "Boas-Novas de Grande Alegria", Jean S. Marshall
- 10 Perguntas e Respostas, J. Lewis Taylor
- 12 Como Floresceu o Programa de Música de Nossa Ala, Ruth Ress
- 15 Castidade — Um Princípio de Poder, Steve Gilliland

DIÁRIO MÓRMON

- 21 "Existem Profetas Atualmente!", Rosalind Jones
- 22 O Sinal de Advertência, Fenton Whitney
- 24 E Sem Caridade, Nada Somos, Maryan Myres
- 27 Poeira Sobre a Rosa, Ellen e Joyce M. Jensen
- 28 Alguém Que Não Riria de Mim, David Capron
- 33 Seu Coração Lhe Dirá, Élder Jack H. Goaslind, Jr.

SEÇÃO INFANTIL

- 1 Mensagem de Natal da Primeira Presidência:
Jesus Também Foi Criançinha
- 3 Irmãozinho do Natal, Sherrie Johnson
- 6 Povos e Costumes, Roupas de Animais, Murray T. Pringle
- 8 Só Para Divertir

NOTÍCIAS LOCAIS

- I Boa Vontade Para Com os Homens
- II Organizada a Primeira Estaca
- III O Brasil é Dedicado
- V Inauguração da Capela do Ipiranga
- VI Missionários de Bem-Estar
- VII Um Exemplo de Dedicção
- VIII Um Dia Muito Especial
- IX Mestre Familiar
- X Mariquinha Porco-Espinho
- XI O Ciclista Descuidado
- XII Tudo Tem Seu Tempo Determinado
- XIII e XIV Calendário do Templo Para 1981
- XV Entre Nós

CAPAS: Esculturas em madeira, por George Lama, de Belém, Israel,
fotografias por Eldon Linschoten
Cover backdrop fabrics, cortesia do Departamento Histórico
da Igreja.

REGISTRO: está assentado no cadastro da **DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 100,00; para o exterior simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 10,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes R. Peribebuí, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Red. e Adm., Av. Prof. F. Morato, 2430-A, CEP 05512, tel: PABX 814-2277.

M205.5

L694 P0

V. 33

1980

Presenteie

Seus Amigos

Neste Natal

^A**Liahona**

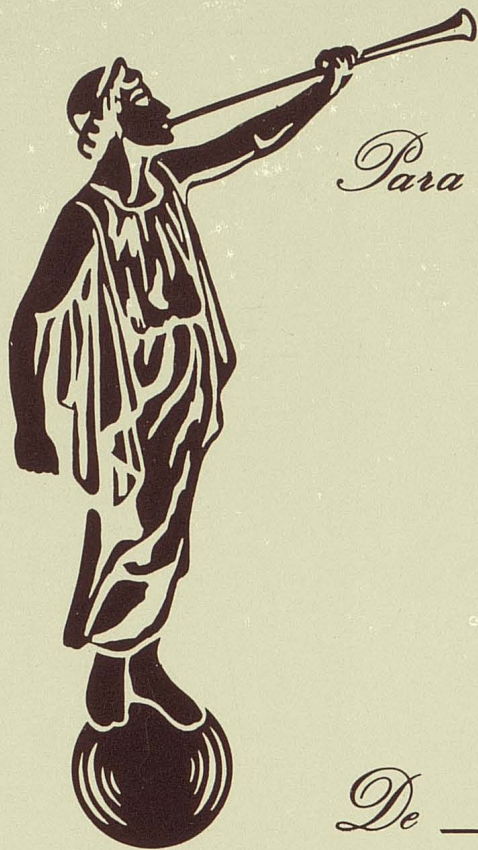
Dê assinaturas de "A Liahona"
como seu presente especial.
Inspiração por um ano (ou por quantos
desejar) para parentes e seus amigos.

É MUITO SIMPLES

1. Envie os cartões de Natal anexos aos seus
presenteados. Basta preencher, selar e
colocar no correio.
2. Faça assinaturas por quantos anos desejar.
3. Desejando dar mais de 2 assinaturas,
escreva-nos com urgência que lhe enviaremos
mais cartões.
4. Destaque a folha ao lado, preencha e
junte seu cheque nominal a favor de
A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS
SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS.

CAIXA POSTAL 26023
01000 - SÃO PAULO - S.P.

(pedimos não enviar vale postal ou
ordem de pagamento.)



Felix Natal

Para _____

*Meu carinhoso presente
neste Natal: a assinatura
de "A Liahona", que lhe trará
momentos de inspiração
e ótima leitura.*

De _____

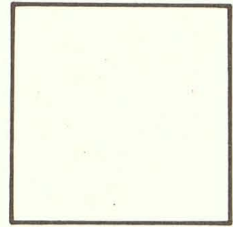


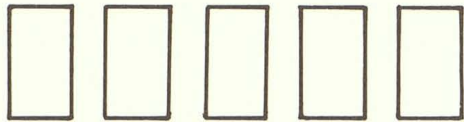
Felix Natal

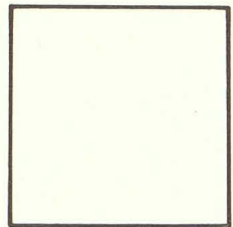
Para _____

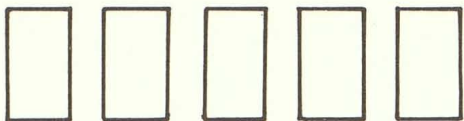
*Meu carinhoso presente
neste Natal: a assinatura
de "A Liahona", que lhe trará
momentos de inspiração
e ótima leitura.*

De _____









1-



2-



3-



4-



ESTOU PRESENTANDO AS SEGUINTESS PESSOAS
COM ASSINATURAS DE "A LIAHONA":

1- Nome _____
End. _____
Cep _____ Cidade _____ Est. _____
Membro da igreja: Sim () Não ()
Ala / Ramo _____ Estaca / Missão _____
 1ano:Cr\$100,00 2anos:Cr\$200,00 ...anos:Cr\$

2- Nome _____
End. _____
Cep _____ Cidade _____ Est. _____
Membro da igreja: Sim () Não ()
Ala / Ramo _____ Estaca / Missão _____
 1ano:Cr\$100,00 2anos:Cr\$200,00 ...anos:Cr\$

3- Nome _____
End. _____
Cep _____ Cidade _____ Est. _____
Membro da igreja: Sim () Não ()
Ala / Ramo _____ Estaca / Missão _____
 1ano:Cr\$100,00 2anos:Cr\$200,00 ...anos:Cr\$

4- Nome _____
End. _____
Cep _____ Cidade _____ Est. _____
Membro da igreja: Sim () Não ()
Ala / Ramo _____ Estaca / Missão _____
 1ano:Cr\$100,00 2anos:Cr\$200,00 ...anos:Cr\$

Meus Dados Pessoais:

Nome _____
End. _____
Cep _____ Cidade _____ Est. _____

1- Nome _____
End _____
Cep _____
Cidade _____
Est _____
Membro da igreja - Sim () Não ()
Ala/Ramo _____
Estaca/Missão _____
 Ano-Cr\$100.00 Ano-Cr\$200.00 Ano-Cr\$

2- Nome _____
End _____
Cep _____
Cidade _____
Est _____
Membro da igreja - Sim () Não ()
Ala/Ramo _____
Estaca/Missão _____
 Ano-Cr\$100.00 Ano-Cr\$200.00 Ano-Cr\$

3- Nome _____
End _____
Cep _____
Cidade _____
Est _____
Membro da igreja - Sim () Não ()
Ala/Ramo _____
Estaca/Missão _____
 Ano-Cr\$100.00 Ano-Cr\$200.00 Ano-Cr\$

4- Nome _____
End _____
Cep _____
Cidade _____
Est _____
Membro da igreja - Sim () Não ()
Ala/Ramo _____
Estaca/Missão _____
 Ano-Cr\$100.00 Ano-Cr\$200.00 Ano-Cr\$

Meus Dados Pessoais:
Nome _____
End _____
Cep _____
Cidade _____
Est _____

NOSSO MAIOR PRESENTE — ESTARMOS ENGAJADOS NA OBRA DO SENHOR

Presidente N. Eldon Tanner

Adaptado de uma mensagem pronunciada em devocional aos funcionários da Igreja, no Tabernáculo de Lago Salgado, em 13 de dezembro de 1979

Tenho um prazer especial ao partilhar com vocês e seus familiares a alegria que sinto nesta época tão sagrada.

Não posso deixar de lembrar-me da resposta que o Salvador deu a seus pais, José e Maria, quando eles o encontraram ensinando no templo, aos doze anos de idade. Sua mãe lhe disse o quanto estivera preocupada com ele durante os três dias em que teve de procurá-lo. Quando ela perguntou, “Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos.” (Lucas 2:48.) O menino docilmente respondeu, dizendo: “Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” (Lucas 2:49.)

Existe algum outro empreendimento que nos possa oferecer um sentimento mais terno e maior satisfação pessoal do que sabermos que estamos realmente participando na obra de nosso Pai Celestial?

Nesta época do ano, costumamos focalizar nossa atenção e celebrar a gloriosa realização das antigas profecias reveladas por Isaías, Noé e Jeremias, entre elas o cumprimento dos sinais e profecias preditos pelos profetas do Novo Mundo, como Léhi, Néfi e o rei Benjamim. Lucas registrou a singeleza do mais abençoado de todos os nascimentos:

“E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.

“E deu à luz seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem . . .

“E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.

“E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo.

“Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

GM
M205.5
L694P0
1980



“E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura.

“E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:

“Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.” (Lucas 2:6-7, 9:14.)

Durante este ano que passou, nossas reflexões voltaram-se ao ato de observar o cumprimento de outras profecias, e o progresso que a igreja do Senhor alcançou até agora. O ano de 1980 assinalou a comemoração do sesquicentenário da restauração do evangelho e das inúmeras bênçãos que ele proporciona àqueles que aceitaram sua grande mensagem. Durante este período de 150 anos, a Igreja cresceu, dos seis membros que tinha em 1830, para mais de quatro milhões. O número de estacas aumentou dramaticamente, desde a primeira, estabelecida em Kirtland, Ohio, para mais de mil estacas em todo o mundo. O número de missionários também passou por um assombroso desenvolvimento, de apenas 16 em 1830, para mais de trinta mil na época atual. Os desafios que os membros da Igreja enfrentaram desde sua organização, nos preparam para o futuro.

Os sacrifícios que nossos ancestrais e sua posteridade fizeram em benefício da Igreja são dignos de louvor. Muitas das bênçãos que ora desfrutamos são decorrentes do firme comprometimento de nossos irmãos e irmãs que viveram nos primeiros tempos da restauração da Igreja. Tal determinação e sacrifício foram bas-

tante evidentes na época em que vieram morar no vale do Grande Lago Salgado, quando era escasso o alimento que tinham para repartir, e sofriam as inclemências do primeiro inverno. Porém, seus corações estavam repletos de ações de graças e compromisso de servir ao Senhor.

O irmão Robert Bliss partilhou conosco um incidente do primeiro Natal que passaram no Vale do Lago Salgado, registrado em seu diário em 25 de dezembro de 1847: “. . . Quase toda neve já se derreteu e a temperatura é agradável. Hoje fomos acordados pelo troar de um canhão e passamos o dia, uns trabalhando e outros se divertindo. . . Fui visitar um de meus antigos vizinhos que foi expulso de Illinois junto comigo, e participamos de uma deliciosa ceia de Natal; porém, senti-me um pouco desalentado, ao pensar em minha família que se encontra a mais de mil milhas daqui, e mais ainda porque não terei a menor possibilidade de vê-la antes de chegar a primavera.” O irmão Bliss continuou a registrar seus sentimentos e falou de sua profunda fé em Deus, que o protegera em todas as provações, e da certeza de que ele ampararia sua família em todas as situações em que se encontrasse.

Uma jovem relatou da seguinte maneira suas experiências relativas ao primeiro Natal que passou no vale do Grande Lago Salgado:

“Lembro-me muito bem do primeiro Natal que passamos no vale. Nesse dia, trabalhamos como de costume. Os homens limpavam os campos e alguns até mesmo araram, pois, embora tenha nevado, a terra ainda

estava macia, e os arados foram usados durante quase todo o dia. Neste ano, o Natal caiu num sábado. Comemoramos a data no domingo, quando nos congregamos ao redor do mastro da bandeira, no centro do forte e realizamos nossa reunião. Foi uma das melhores de que já participei. Cantamos hinos de louvor a Deus e participamos fervorosamente da primeira oração. Os discursos que ouvimos nesse dia serão inesquecíveis. Ouvimos palavras de ações de graças e de estímulo. Nenhuma só expressão de pesar foi ouvida. O povo estava esperançoso e radiante de fé no grande empreendimento que estavam realizando. Após a reunião, cumprimentamo-nos jubilosamente. Alguns choraram de alegria, e as crianças brincaram dentro da paliçada e ao redor da fogueira de arbustos que foi acesa naquela noite, quando nos reunimos e cantamos:

“Vinde, ó santos, sem medo ou
[temor,
Mas alegres andai,
Rude é o caminho ao triste viajor,
Mas com fé caminhai.”

(Hinos, n.º 8)

“Naquele dia, tivemos pão e coelho ensopado no jantar. Papai havia matado alguns deles e tivemos um verdadeiro banquete. Todos tiveram o suficiente que comer. No que diz respeito a um sentimento de perfeita paz e boa vontade, eu jamais tive um Natal mais feliz em minha vida.”

Na época em que Sião estava sendo estabelecida, o Natal era, ao mesmo tempo, uma época de paz e desafio. O inverno de 1847 testou o caráter dos pioneiros, tanto dos que viviam no vale do Grande Lago Sal-

gado como o dos irmãos e irmãs que aguardavam a oportunidade de seguir para o oeste. Dois dias antes da época natalina, o Conselho dos Doze emitiu uma epístola geral que dizia o seguinte:

“Que todos os santos... reúnam-se imediatamente na margem leste do rio (Missouri)... ou tão logo quanto possível, trazendo consigo seu diheiro, suprimentos e bens; e logo que possam fazê-lo de maneira constante, que reúnam pelo caminho o gado novo que é tão necessário aqui e que será posto à venda: e, ao chegarem aqui, que todos os que se achem capacitados transponham diretamente as montanhas e que todos os que não puderem de imediato comecem a trabalhar fazendo melhoramentos, plantando e criando rebanhos nas terras recentemente desocupadas... e através da industriabilidade... o gado novo se transformará em parselhas de tração; e através de trabalho conjunto, eles poderão obter seus próprios cereais e provisões, e construir seus próprios carroções... e assim adquirir rápida e confortavelmente um meio de transporte, uma junta de bois e as provisões necessárias.” (James R. Clark, *Messages of the First Presidency*, Vol. 1, p. 329.)

Ao nos conscientizarmos das provações e sacrifícios pelos quais estes santos destemidos e fiéis passaram, será que poderíamos ter outra atitude que não a de profundo apreço pelas bênçãos de que ora desfrutamos? A mensagem e presente de Natal se resume em apenas uma coisa — ele é nada mais, nada menos que a dádiva da vida eterna, e a mensagem é que podemos ter a oportunidade de viver com nossas famílias na

presença de Deus por toda a eternidade. Para sermos dignos de tão preciosa oferenda, precisamos estar dispostos a dar de nós mesmos. Precisamos estar dispostos a consagrar tudo o que possuímos na vida à construção do reino de Deus. Devemos dedicar ao Senhor nós mesmos, nossas famílias e as comunidades em que vivemos.

A maioria das pessoas pode recordar-se facilmente do mais lindo Natal de sua vida mortal. Para muitos de nós, esse Natal nem sempre foi marcado por presentes custosos e viagens de férias em países distantes. Foi uma época em que alguém nos deu uma parte de si mesmo, uma ocasião em que demos um pouco de nosso ser. Ele pode ter-se resumido na primeira tentativa artística de uma criança ao pintar um cartão de Natal personalizado e nele escrever algumas palavras de apreço, a carta manuscrita de um avô proporcionando estímulo, a mãe embalando seu filho no regaço e cantando-lhe um hino de Natal para fazê-lo dormir, ou um pai lendo para seu filho a história do nascimento do Salvador. Podemos aprender muitas coisas examinando os natais passados e recordando a história da grande devoção que nossos ancestrais tinham ao Senhor. Temos plena convicção de que o Salvador, cujo nascimento celebramos nesta época do ano, nos ajuda continuamente a concretizarmos nossos esforços em favor de sua causa. Precisamos estar incessantemente cônscios de que vivemos numa época cheia de desafios para nós mesmos, nossa família e para a Igreja. Podemos também ter plena certeza de que a paz prometida pelo evangelho não provém das riquezas

materiais, mas do testemunho da missão redentora daquele homem, cujo nascimento comemoramos, mesmo Jesus Cristo. Nossa oração é que cada um de vocês possa entender e apreciar o verdadeiro significado do Natal. Desejamos que saibam que Deus vive e que ele ama a cada um pela disposição que tem de servi-lo. Queremos que saibam que estão realizando a obra do Pai Celestial, o que é a maior dádiva que lhe podemos oferecer.

Gostaria de prestar-lhes meu testemunho, irmãos e irmãs, de que somos as pessoas mais felizes deste mundo por saber que Deus vive, que somos seus filhos espirituais, e que ele “amou o mundo de tal maneira, que deu seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16); e pelo conhecimento que temos de que Jesus Cristo, o Filho de Deus, deu sua vida em nosso benefício, para que possamos alcançar a imortalidade e vida eterna. O Senhor disse: “Porque eis que esta é minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem.” (Moisés 1:39.)

Humildemente oro que possamos, individual e coletivamente, conscientizar-nos de quem somos e do sacrifício que Jesus fez por nós. Vivamos cada dia de nossa vida de maneira que possamos ser dignos do grande sacrifício que ele fez. Que possamos ter um Feliz Natal e um próspero Ano Novo. Eu oro para que consigamos manter em nossos corações o pleno significado do espírito do Natal durante todo o ano que se vai iniciar, em nome de Jesus Cristo. Amém.

O NATAL EM NOSSO LAR

Emily Smith Stewart

Nós realmente acreditamos no Natal. Para nós, a família de George Albert Smith, o Natal é o dia mais precioso e abençoado do ano. Procuramos tornar cada Natal tão memorável e vivo quanto nossos pais o fizeram para nós.

Em nosso lar, os preparativos para essa data eram sempre muito especiais. Nossos planos eram extensiva e cuidadosamente estabelecidos, planejados os custos e os presentes exaustivamente escolhidos. Papai e mamãe sempre insistiam que todo o dinheiro, alimentos e outras coisas que usaríamos nas comemorações natalinas deviam ser distribuídos por uma área bastante ampla, pois tinham a intenção de que aprendêssemos por nós mesmos que é sempre “mais bem-aventurado dar do que receber.” (Atos 20:35.) Começamos por preparar a maravilhosa caixa que mamãe sempre doava à Sociedade de Socorro, na qual ela colocava todos os doces que sonhávamos saborear. Levávamos dias arrumando o conteúdo dessa cesta de Natal da Sociedade de Socorro. Depois que tudo estava pronto, ela era colocada no trenó, o qual era arrastado sobre a neve ondulada e fria até a sala da Sociedade de Socorro da 17.^a Ala.

Foi assim que adquirimos esse hábito saudável, um dos preferidos de meu pai, o de proporcionar um feliz Natal àqueles que outros haviam esquecido. Ele defendia o ponto de vista de que, se as pessoas quisessem demonstrar que se lembram de alguém, poderiam fazer isto de maneira substancial, apenas apresentando-lhes seus mais sinceros votos, e deixando os presentes e alimentos natalinos requintados para serem distribuídos àqueles que com tanta freqüência são esquecidos.

Papai sempre nos levava consigo em seus contatos com os amigos esquecidos que habitualmente visitava por ocasião do Natal. Eu era ainda pequena quando saía com ele. Lembro-me de certa vez em que seguimos por uma extensa viela de um bairro da cidade, onde havia moradas de aparência realmente pobre. Ao abirmos a porta de uma delas, encontramos deitada numa cama, uma velha senhora, muito triste e solitária. Quando entramos, seus olhos se encheram de lágrimas e ela afetuosamente segurou a mão de meu pai, quando lhe entregamos nossas pequenas lembranças. “Sou grata por terem vindo”, disse ela, “pois, se vocês não tivessem aparecido, eu não teria Natal algum. Ninguém mais se lembrou de mim.” As visitas eram a parte das comemorações natalinas que mais apreciávamos.

Um Natal de que jamais me esquecerei foi aquele em que papai estava gravemente enfermo. Havíamos gasto muito e parecia que não poderíamos arcar com as despesas de Natal naquele ano. Mamãe queria sincera-

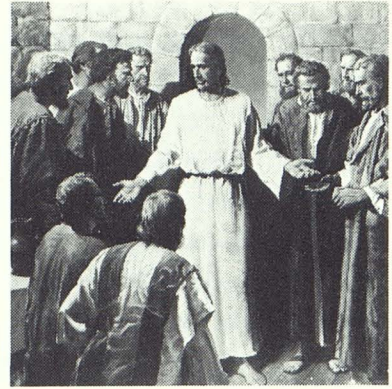
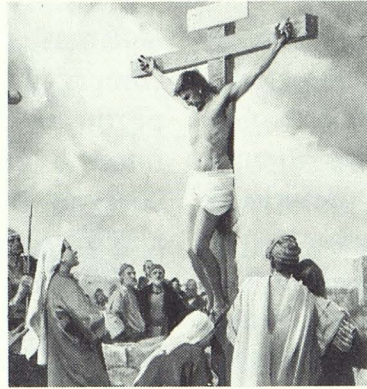
mente proporcionar-nos o costumeiro Natal feliz, mas sabia que não poderia fazê-lo e pagar o dízimo que devíamos antes de encerrar o ano, que se havia acumulado devido à doença de meu pai. Ela achava que seus filhos tinham todo o direito, como todas as crianças, de ter um feliz Natal. Entretanto, se procedesse como sempre e comprasse os presentes e alimentos natalinos, não poderia pagar seu dízimo. Ou então, se adotasse esta última alternativa, seus filhos não teriam uma festa de Natal. Era uma decisão realmente difícil, mas finalmente mamãe resolveu pagar o dízimo antes de pensar em outra coisa, pois o desejo de preparar alguma coisa para seus filhos poderia ser uma tentação grande demais para resistir. Ela colocou apressadamente um agasalho e foi falar com o bispo, a fim de pagar seu dízimo integralmente.

Ao voltar para casa, seu coração se encheu de tristeza, pois estava certa de que seus filhos nada teriam naquela ocasião festiva, e quase via o desapontamento que teríamos em nossos olhos. Ela estava caminhando cabisbaixa pela neve, quando Mark Austin, um de seus bons vizinhos, disse a ela: "Espere um pouco, irmã Smith. Estive imaginando quão grandes devem ter sido suas despesas durante a prolongada enfermidade do irmão Smith e gostaria de que a senhora aceitasse este pequeno presente e comprasse algo muito especial para si mesma neste Natal. Tenho certeza de que há muito tempo não tem adquirido nada para si mesma." Mamãe, com o rosto banhado de

lágrimas e a voz embargada pela emoção, tentou agradecer-lhe. Ela pegou o cheque, dobrou-o e continuou o caminho para casa, com o coração batendo aceleradamente de alegria e ações de graça. Ao chegar à casa e acender a luz, viu que o irmão Austin lhe dera exatamente a mesma importância que pagara de dízimo.

Ao amanhecer daquele dia de Natal, mamãe disse: "Crianças, este é realmente o seu Natal do dízimo", e nos contou a história no decorrer do dia. E assim, pouco a pouco, foi sendo gravado em meu coração o testemunho da lei do dízimo.

Desde aquele Natal do dízimo, temos passado diversos natais em outros lugares, uns na Inglaterra, outros nos Estados Unidos e outros ainda em diferentes estados dentro do país. Tivemos natais de abundância e natais de escassez, natais felizes e natais de pouca alegria. Fossem quais fossem nossas aflições pessoais, papai sempre tomava providências para que as pessoas que não eram membros de nossa família imediata, e que precisavam ter um feliz Natal, não fossem esquecidas. Todas as nossas comemorações natalinas eram motivadas pelo sentimento que havia sido profundamente inculcado em nosso ser desde a mais tenra infância: "É mais bem-aventurado dar do que receber." De fato, meu pai não adotava esta filosofia apenas no Natal, mas em todos os dias de sua vida, e ao colocá-la em prática, deixou uma impressão imorredoura em nossa mente. Nós acreditamos no Natal!



Jogral sobre a missão de Cristo

“BOAS-NOVAS DE GRANDE ALEGRIA”

Jean S. Marshall

Mulher: “Foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão, cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria... Disse-lhe o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que... darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus... E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.” (Lucas 1:26-27, 30, 31, 33. Nesta e em outras passagens foram feitas pequenas alterações.)

Homem: “E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram sobre a cabeça, e lhe vestiram uma veste de púrpura. E diziam: Salve, Rei dos Judeus, e davam-lhe bofetadas... (e) disse-lhes Pilatos: Hei de

crucificar o vosso Rei?” (João 19:2, 3, 15.)

Mulher: “E subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém.” (Lucas 2:4.)

Homem: “E, levando ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota.” (João 19:17.)

Mulher: E subiu também José da Galiléia... a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.” (Lucas 2:4-6.)

Homem: “Um lugar chamado... Gólgota... onde o crucificaram.” (João 19:17-18.)

Mulher: “E tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém, dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos adorá-lo.” (Mateus 2:1-2.)

Homem: “Escurecendo-se o sol; e rasgou-se ao meio o véu do templo.” (Lucas 23:45.)

Mulher: “E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos.” (Lucas 2:7.)

Homem: “A túnica, porém, tecida toda d’alto abaixo, não tinha costura. (E os soldados) disseram pois uns aos outros... lancemos sortes sobre ela.” (João 19:23-24.)

Mulher: “E... deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.” (Lucas 2:7.)

Homem: “E José (de Arimatéia) chegando a Pilatos, pediu o corpo de Jesus. E, havendo-o tirado, envolveu-o num lençol, e pô-lo num sepulcro.” (Lucas 23:52-53.)

Mulher: “Ora havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho. E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor... E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo. Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” (Lucas 2:8-11.)

Homem: “E acharam a pedra removida do sepulcro... Eis que pa-

raram junto delas dois varões, com vestidos resplandecentes; e, estando elas muito atemorizadas... eles lhes disseram: “Por que buscais o vivente entre os mortos?” “Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito.” (Lucas 24:2, 4-6; Mateus 28:6.)

Mulher: “E no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.” (Lucas 2:13-14.)

Homem: Ele disse: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros: como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (João 13:34-35.)

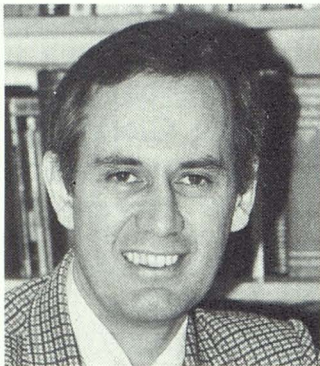
Mulher: “Eis aqui vos trago novas de grande alegria... pois vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” (Lucas 2:10-11.)

Homem: “Eis que vos trago novas de grande alegria... pois... vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” (Lucas 2:10-11.)

Artigo escrito para ser lido em voz alta por duas pessoas. Este jogral funciona bem numa reunião sacramental, sala de aula, noite familiar ou em qualquer outra reunião apropriada. Embora a autora tenha estabelecido que esta dramatização deve ser lida por um homem e uma mulher, ela produzirá o mesmo efeito, se for encenada por pessoas do mesmo sexo.

Perguntas e Respostas

J. Lewis Taylor



Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas para orientação e não como declarações oficiais de normas da Igreja.

Ao dar um nome e abençoar uma criança, devemos dirigir-nos a nosso Pai Celestial, pedindo-lhe que dê a ela um nome e uma bênção?

A norma da Igreja relativa a essa ordenança, publicada no *Manual do Sacerdócio de Melquisedeque*, p. 24, é a seguinte:

“1. Os oficiantes seguram a criança nos braços, ou impõem as mãos sobre sua cabeça, se ela tiver mais idade.

“2. Invoque a nosso Pai Celestial como numa oração.

“3. Declare a autoridade (do Sacerdócio de Melquisedeque) pela qual você está realizando a ordenança.

“4. Dê um nome à criança.

“5. Acrescente as palavras da bênção, conforme for guiado pelo Espírito.

“6. Encerre em nome de Jesus Cristo.

Como na maioria das ordenanças e bênçãos, ou no ato de “separar” uma pessoa para ser designada, os portadores do sacerdócio são instruídos a se dirigir pessoalmente ao receptor da ordenança, em vez de a nosso Senhor, como acontece numa oração. Como representantes de Deus, os portadores do sacerdócio então *conferem* ou *pronunciam* uma bênção sob a inspiração do Senhor, e não simplesmente *solicitam* tais bênçãos.

Todavia, na ordenança da bênção de crianças, especialmente na de dar um nome a elas, somos aconselhados, como vimos acima, a nos dirigir a nosso Pai Celestial, isto talvez porque, entre outras razões, a criança não entende que estamos falando diretamente a ela. Mesmo dirigindo-se ao Senhor, os portadores do Sacerdócio estão autorizados a *dar* um nome a ela, em vez de meramente *pedir* que um nome lhe seja dado. (“Damos a esta criança o nome de...”)

Da mesma forma, na bênção que faz parte da ordenança, a meu ver, os portadores do Sacerdócio de Melquisedeque estão autorizados pelo Senhor não simplesmente a *orar pedindo* as bênçãos, mas a *pronunciar* ou *conferir* as bênçãos diretamente à

pessoa, conforme o Espírito sugerir. Este procedimento está de acordo não apenas com as instruções contidas no *Manual do Sacerdócio de Melquisedeque*, mas também em D&C 20:70, onde se lê:

“Todo membro da igreja de Cristo que tiver crianças deverá trazê-las aos élderes diante da igreja, e estes deverão impor as mãos sobre elas em nome de Jesus Cristo, e *em seu (dele) nome abençoá-las.*” (Itálicos acrescentados.)

Portanto, não parece ser necessário pedir ao Pai Celestial que dê uma bênção, como parte da ordenança, assim como não é preciso adotar tal procedimento em outros tipos de bênçãos. No sentido prático, minhas experiências pessoais e de outros portadores do sacerdócio sugerem que há ocasiões em que uma pessoa pode não ser inspirada pelo Senhor a conferir bênçãos ou promessas específicas. Nesse caso, seria apropriado *pedir* uma bênção ao Senhor.

A meu ver, na prática essa ordenança poderia apropriadamente incluir tanto o ato de pedir como de abençoar a criança. Isto é, os portadores do sacerdócio tanto podem abençoá-la conforme forem inspirados, como *pedir* ou *rogar* que sejam conferidas tais bênçãos, de acordo com o que forem inspirados na ocasião. Até mesmo as orações ideais devem ser inspiradas pelos céus.

(Ver 3 Néfi 19:24.)

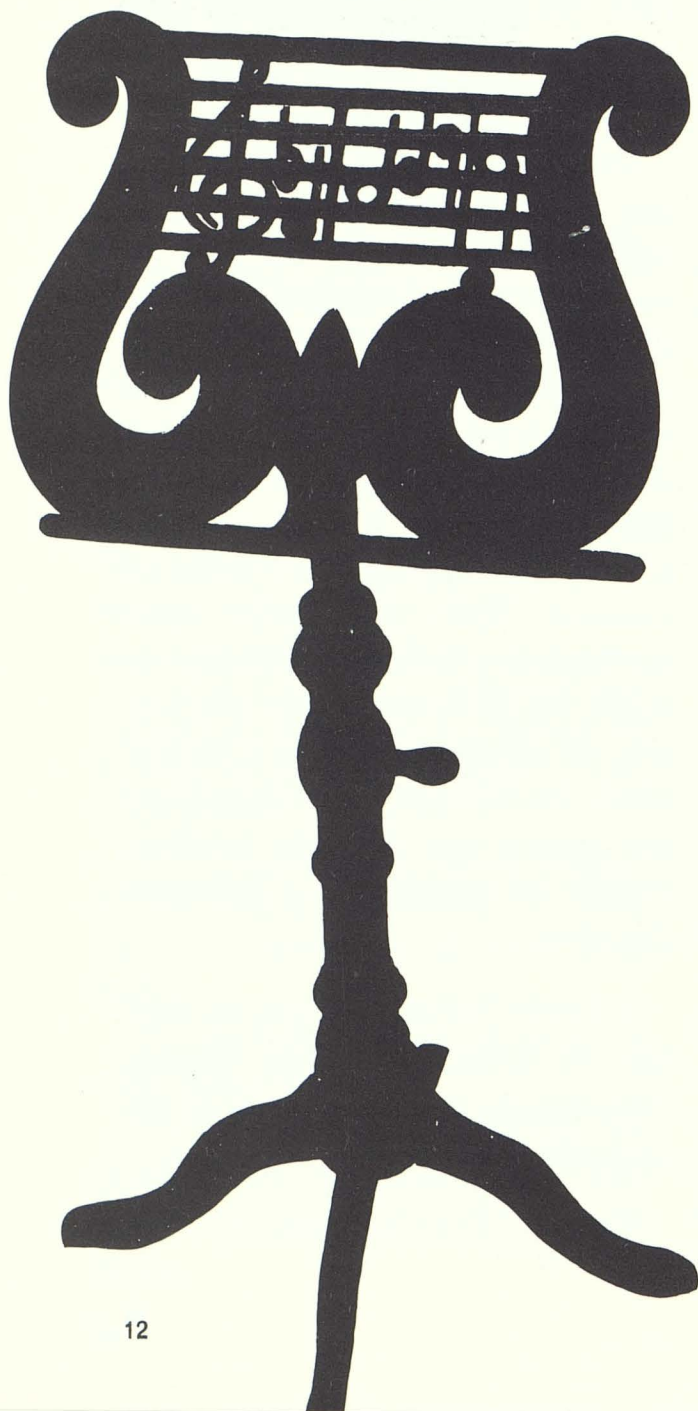
É uma responsabilidade impressionante ser agentes do Senhor no sacerdócio, agir em seu nome e tentar falar e agir como ele faria, se estivesse aqui. Um pai, especialmente, que deseja abençoar seu filho, tem o privilégio e responsabilidade de preparar-se com antecedência através de devota reflexão, jejum e oração, para que possa ser sensível às manifestações do Espírito ao proferir tal bênção.

Um fato de maior importância é que o Senhor nos conferiu o privilégio de realizar a ordenança de dar um nome e uma bênção a nossos filhos (embora não seja uma ordenança de salvação). Quão abençoados somos por termos a possibilidade de apresentar nossas criancinhas diante do Senhor, de nossas famílias e da Igreja, e consagrá-las a nosso Pai Celestial. Quão abençoados somos por termos o direito de lhes dar um nome, de pleitear, de orar por elas, sim, de abençoá-las direta e pessoalmente em harmonia com os mais ternos anseios que por elas sentimos, através da autorização e sabedoria dos céus.

J. Lewis Taylor, instrutor do Instituto de Religião de Lago Salgado, Universidade de Utah e bispo da Décima-sexta ala de East Millcreek.

Como o Programa de Música de Nossa Ala Floresceu

Ruth Rees



As dificuldades que tínhamos em nossa ala provavelmente eram comuns às que muitas outras enfrentavam: precisávamos de muitos instrumentistas e tínhamos poucas pessoas qualificadas. Há anos tentávamos resolver esse problema, mas o progresso que havíamos obtido parecia insignificante. Então, certo dia, o bispado e eu, que na época era diretora de música da ala, começamos a desenvolver um programa de treinamento a longo prazo, que se transformou num plano bem sucedido.

A idéia que tivemos foi a de aprimorar simultaneamente as habilidades musicais dos adultos e treinar os jovens a colocarem as suas em prática. O bispado fez chamados específicos a certos membros adultos, solicitando que estudassem piano, órgão, regência ou canto, com o desafio de estarem aptos a tocar ou cantar nas reuniões da ala numa determinada época futura.

Os chamados que os membros adultos receberam muito contribuíram para que o programa de música de nossa ala alcançasse pleno êxito — mas sabíamos que futuramente não teríamos bons instrumentistas, se não preparássemos também os jovens. Esta parte de nosso esforço foi a mais bem sucedida e a que mais contribuiu para que a música se tornasse algo viável, além de um motivo de enlevo em nossos serviços de adoração.

Estabelecemos que nosso objetivo principal seria criar um ambiente que motivasse os jovens a estudarem música e a considerarem a execução de instrumentos musicais como uma parte significativa das reuniões da

igreja. Alcançar esta meta foi mais fácil do que esperávamos. À medida que os jovens mais destacados de nossa ala se envolveram no programa, não demorou muito para o ato de participar de números musicais durante as reuniões tornar-se um dos hábitos mais populares.

O programa musical dos jovens era dividido em quatro partes: piano ou órgão, regência, coral e execução instrumental.

Na parte referente ao piano e órgão, dávamos aos principiantes a oportunidade de tocar o prelúdio e poslúdio duas ou três vezes por ano, tocando piano na Primária e órgão na reunião sacramental. Até mesmo as crianças menores de oito e doze anos se envolveram no programa. Os professores de música ajudaram a encontrar temas musicais simples que elas pudessem tocar. Desde que se requer menos habilidade para tocar os prelúdios ou poslúdios do que para executar os solos e acompanhamentos, nossos jovens realmente apreciaram a oportunidade que tiveram de participar — e o programa lhes proporcionou uma boa meta a atingir.

A parte mais importante da fase dos instrumentistas principiantes é que deixávamos os jovens executarem *bastante* em situações de *pequena* exigência musical, e sempre tínhamos um instrumentista adulto no local, para ajudá-los a acompanhar o ritmo, virar as páginas e talvez participar fazendo algum acompanhamento.

Os alunos de estágios intermediários também tocavam prelúdios e poslúdios, e lhes concedíamos a oportunidade de acompanhar ocasionalmente os hinos da Primária.

Os alunos mais adiantados se alternavam, tocando os hinos na Mutual e nas reuniões do sacerdócio. Algumas vezes solicitávamos também que tocassem solos na reunião sacramental.

A característica principal de nosso programa de regência era a reunião de treinamento de regência de coral, que realizávamos periodicamente na ala. Ela foi feita em grupo, e procuramos torná-la a mais bem-humorada e descontraída possível. Os que terminavam nosso curso recebiam a oportunidade de reger os hinos nas reuniões da Mutual e do sacerdócio. Estabelecemos a meta de preparar todos os jovens que apresentassem qualquer interesse musical, para estar aptos, pelo menos, a reger os hinos mais simples antes de completarem dezoito anos de idade.

Nosso programa de coral começou com apenas alguns jovens que demonstraram o desejo de cantar. No princípio, fizemos apenas pequenos grupos vocais, depois fomos progredindo até formarmos um coral completo. Logo pudemos notar que havia outras pessoas ansiosas de participar, que só esperavam que insistíssemos um pouco. Não nos demoramos em solicitar a colaboração delas.

Nosso trabalho foi realmente recompensado. Embora o coral de jovens não seja parte ativa de todas as nossas reuniões, costuma apresentar-se em ocasiões especiais, e seu excelente desempenho é um deleite para a ala. Os membros que dele participam sentem visível prazer em suas apresentações.

Um relutante jovem, que era um ótimo baixo, veio ao primeiro ensaio

devido à pressão que seus pais e amigos fizeram. Ele disse o seguinte ao tomar seu lugar: "Não sei por que estou aqui", e "Foi por muita sorte sua que eu vim." Algum tempo depois, quando o estava ajudando individualmente (o que é comum acontecer a muitos membros do coral, pois eles não são gênios musicais, apenas jovens determinados a dar o melhor de si), sugeri que simplificássemos um dos trechos para ele, mas o jovem negou-se a aceitar, dizendo: "Cantemos exatamente como foi composto. Assim é mais divertido."

É importante ressaltar que nunca achamos necessário usar músicas populares, tão em moda atualmente. Temos cantado de maneira bem sucedida hinos e canções, cânticos de Natal e corais. Quando os jovens do coral se apresentam, ocasionalmente outros fornecem o acompanhamento musical.

Nosso programa de música instrumental também produziu ótimos resultados. Temos jovens estudando violino, viola, violoncelo, trompa, clarineta e trombone. Todos eles já tocaram em alguma atividade ou reunião da Igreja, em desempenhos que vão desde simples solos a conjuntos de doze instrumentos. Concedemos a alguns deles também a oportunidade de tocar o acompanhamento de certos números de coral, e às vezes os prelúdios e poslúdios nas reuniões.

Para financiar nosso programa instrumental, estabelecemos um fundo de treinamento musical da ala, que foi criado e é mantido pelas doações dos membros. Os fundos são

usados para proporcionar lições musicais ou instrumentais a alunos que não têm recursos para pagá-las.

Todos os nossos esforços foram bem recompensados. No momento em que estou escrevendo este artigo, temos trinta e quatro jovens, com idade desde 9 a 17 anos, estudando música. Outros onze estudaram pelo menos durante um ano, mas não participam atualmente do programa.

O sucesso que alcançamos é devido a duas razões principais: Primeira, considerarmos o encarregado de música da ala como um educador e organizador, não apenas um executante (uma pessoa sem qualquer talento musical seria tão bem sucedida quanto ele); e segunda, a grande ênfase que demos em desfrutar de todo divertimento, calor humano e unidade que o estudo e execução em conjunto nos poderia proporcionar. Podemos aprender, servir, confraternizar e nos divertir bastante, tudo ao mesmo tempo! Essa é uma combinação de atividades realmente incomparável.

Nossa ala não é uma das maiores. Temos apenas trinta e seis jovens ativos, com a idade variando entre doze a dezoito anos, porém o entusiasmo dos que se acham envolvidos no programa é tão contagiante, que desse número, apenas seis membros nunca estudaram música. Os jovens hoje em dia acham que participar do projeto de música da ala é uma das melhores coisas que podem fazer. E, como disse uma irmã certa vez, após ouvir uma apresentação musical de jovens: "Quase pude ver todas as crianças que assistiam à reunião pensar claramente: 'Algum dia também estarei entre eles.'"

Castidade — Um Princípio de Poder

Steve Gilliland

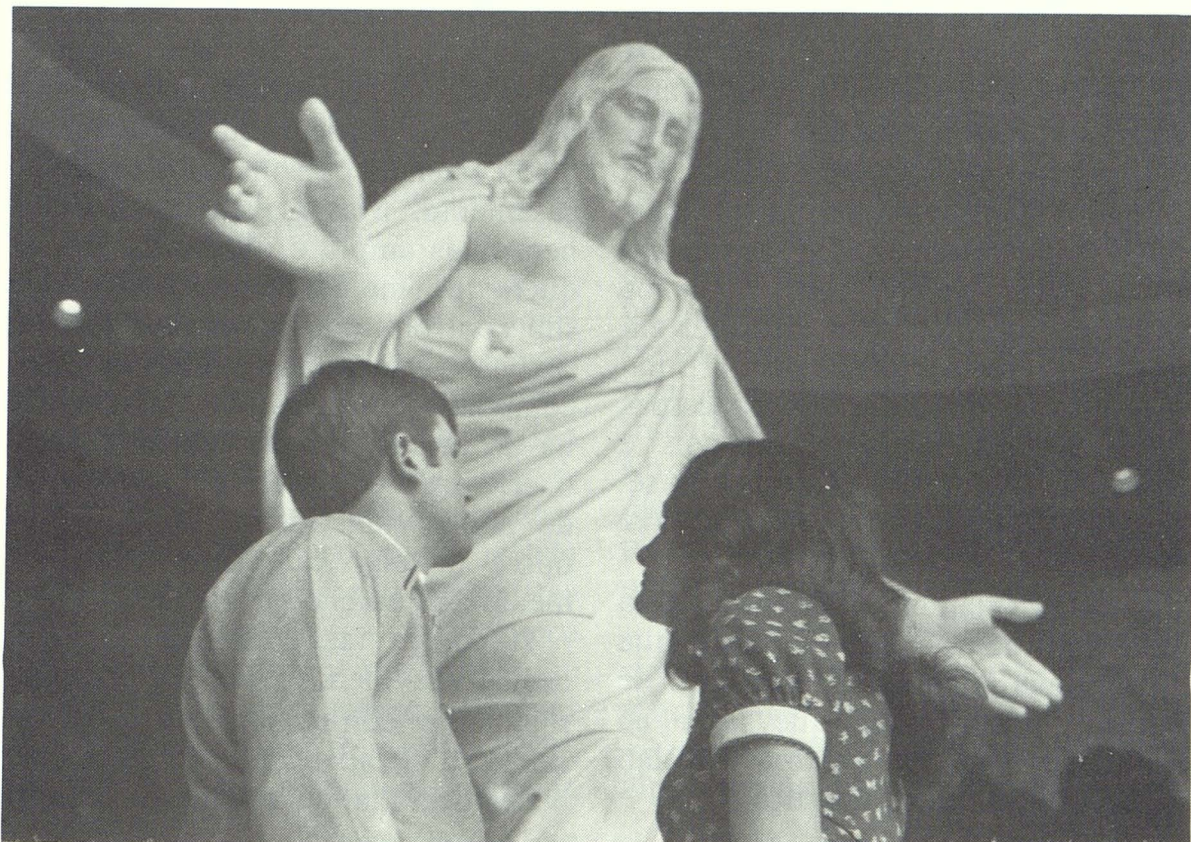
Este princípio positivo nos ajuda a entender melhor a nós mesmos, a adquirir poder espiritual, a edificar um relacionamento duradouro e a nos aproximar mais de Deus.

Os líderes da Igreja que trabalham com os jovens não raro ouvem algum deles dizer: “Tudo o que meus pais e professores dizem a respeito do sexo é que ele é pecado. Será que não existe alguma coisa positiva que se possa dizer sobre a castidade?”

Os santos dos últimos dias podem responder, com toda convicção, que sim! O evangelho nos dá uma perspectiva sadia e clara da castidade. Ela se torna ainda mais evidente, quando confrontamos os ensinamentos do evangelho com os do mundo secular.

Por exemplo, a religião dos homens ensina que o corpo físico é mau, e que o espírito deve esforçar-se para sobrepujá-lo e libertar-se de sua influência. Porém, o evangelho restaurado ensina exatamente o oposto: o corpo é uma bênção. Viemos à terra para obter um tabernáculo e fazer com que ele se torne parte de nós, um meio de adquirir maior progresso. Sem ele, não podemos receber a plenitude da alegria (ver D&C 93:33-35). Sem ele, não estaríamos libertos e, sim, no pior cativeiro. (Ver Joseph F. Smith — “Visão da Redenção dos Mortos”, 1:50, na “Pérola de Grande Valor.”) O evangelho nos ensina que somos exaltados *com* os nossos corpos, não apesar deles.

Paulo parece estar sugerindo essa mesma idéia, quando declarou: “O



que se prostitui peca contra seu próprio corpo.” (1 Cor. 6:18; itálicos acrescentados.)

Outra falsa doutrina é a de que as experiências íntimas do casamento são de natureza maligna. Todavia, não resta qualquer dúvida de que tais experiências, quando usadas de acordo com os mandamentos de Deus e ditames do Espírito, podem dar maior realce à vida de uma pessoa e vivificar-lhe a alma. O Presidente Kimball disse que o relacionamento conjugal no casamento é “inerentemente bom”. (“O Plano do Senhor Para Homens e Mulheres”, *A Liahona*, abril de 1976, p. 3.) “O sexo pode ser um servo maravilhoso, mas também um amo terrível; pode ser uma força criativa mais poderosa que qualquer outra para a promoção de amor, companheirismo, felicidade, ou então a mais destrutiva de todas as forças da vida.” (Spencer W. Kimball, citando Billy Graham, em “Diretrizes Para Levar Avante o Trabalho de Deus em Pureza”, *Discursos da Conferência Geral*, p. 162. Também: *A Liahona*, agosto de 1974.)

Uma terceira doutrina falsa é a de que o homem é basicamente perverso simplesmente devido a sua natureza física. Todavia, não podemos encontrar nas escrituras qualquer ensinamento que corrobore essa afirmativa. Elas nos ensinam que as pessoas só se tornam “carnais, sensuais e diabólicas”, quando começam a seguir as influências de Satanás. (Ver Moisés 5:13 e D&C 20:20.)

O Rei Benjamim esclareceu muito bem esse ponto, quando disse que “o homem natural é inimigo de Deus... a não ser que ceda ao influxo do Espírito Santo.” (Mosiah 3:19; itálicos acrescentados.)

A verdade é que a castidade é uma virtude divina, e que “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” (1 Cor. 2:14.) Assim sendo, somente aqueles que são espirituais podem entender as coisas dessa natureza. É por isto que o mundo jamais entenderá plenamente por que vivemos a lei da castidade. Mas os santos dos últimos dias podem entendê-la e lhe dar o devido valor.

Construir a vitalidade e entendimento pessoal.

O Presidente David O. McKay declarou que um dos elementos necessários da espiritualidade é “estar cômico de haver subjugado a si próprio.” (*Improvement Era*, dezembro de 1969, p. 31.) Duas grandes bênçãos resultantes da castidade são o autodomínio e conhecimento de si próprio. A letra da lei referente à castidade nos ensina que devemos ter experiências sexuais somente com o cônjuge, homem ou mulher com quem fizemos os convênios legais do casamento. Mas o espírito da lei é bem mais amplo e profundo. Ele requer que mantenhamos sagrados e sob controle todos os nossos apetites sexuais — e também todo o nosso comportamento relativo a eles. Nada há de errado em ter desejos físicos: o erro está em fazer deles o centro de nossa vida. Isso é cobiça — a busca de algo que seria espiritualmente prejudicial.

A cobiça faz com que a pessoa desvie sua atenção do que é espiritualmente edificante e recompensador, e a focalize em pensamentos e ações degradantes e danosos ao espí-

rito. Ela é um narcótico mental que nos afasta das metas a longo prazo que estamos procurando alcançar. Ela pode levar-nos a sacrificar tudo o que é valioso para nós em troca de uma experiência momentânea, e deixar em nosso íntimo apenas dor, confusão e sofrimento.

Mas o que acontece se uma pessoa, devido a um condicionamento mental anterior, tem desejos imorais? Neste caso, podemos aplicar o mesmo princípio: a presença do desejo não é um sinal de pecado. A questão é o que ela faz com o desejo que está sentindo. Ela permite que o desejo se acenda ou, ao reconhecê-lo, imediatamente faz com que abandone sua mente junto com outras sensações ou pensamentos em que não deseja fixar-se? O Presidente Kimball nos informou que, mesmo quando o indivíduo é tentado a praticar o homossexualismo ou qualquer outra tendência contrária à natureza, ele pode, com paciência, fé e esforço concreto, sobrepujar tais apetites e permitir que despertem desejos normais e dominem aqueles vis e degradantes.¹ Como conselheiro e bispo, tenho observado este princípio operar em inúmeras vidas.

O esforço consciente para desenvolver o autodomínio pode ajudar-nos a compreender a nós mesmos. Ao definir qual é meu comportamento, posso ver claramente o tipo de pessoa que sou neste instante. A proporção em que guardo meu convênio de castidade geralmente reflete quão forte ou fraco sou em outras áreas de minha vida, e me fornece uma indicação de em que estado se encontra meu compromisso para com os ideais celestiais. Por outro lado, em vez de fazer com que a pessoa

enfrente sentimentos conflitantes como os da solidão e incapacidade, Satanás prefere fazer com que a pessoa fuja deles através da imoralidade. Porém, tais escapadas são apenas temporárias, e assim o indivíduo tenta fugir inúmeras vezes consecutivas, todas elas de maneira mal sucedida. Através deste processo, o adversário faz com que a vítima mergulhe em maior confusão através da incontinência.

A castidade requer disciplina. Ao desenvolver esta virtude em minha própria vida, conscientizei-me do quanto minha situação é singular. Descobri que preciso não assistir a certos tipos de filmes, deixar de ler determinadas literaturas, não me envolver em certas situações, e assim por diante. Embora haja pessoas que digam que o envolvimento com tais coisas não lhes causa qualquer dano, a mim elas são prejudiciais. Houve ocasiões em que fui levado a racionalizar que, se outras pessoas podem participar dessas coisas e sair aparentemente incólumes, eu também posso praticá-las. Mas, ao pensar assim, tive mais pensamentos a controlar e mais imagens mentais a suprimir. Eu desejava controlar um incêndio e estava colocando mais lenha na fogueira. Para obter esta perspectiva mais completa da castidade, tive que procurar compreender e trabalhar com meu próprio laboratório químico espiritual. Tive de decidir, com a ajuda do Espírito, em que ponto deveria estabelecer os limites que não deveria transpor.

A espécie mais valiosa de conhecimento pessoal não se encontra armazenada apenas em nossa mente — ele cria raízes profundas em nossa alma, enfrentando os diferentes esti-

mulos que os meios de comunicação e a vida atiram contra nós. Este conhecimento pessoal requer uma fé e comprometimento contínuos em face aos reveses, e é vitalidade que adquirimos, quando nos libertamos das garras da tentação. É agradável controlar a si próprio!

Assim sendo, num sentido muito importante, a castidade é o ato de disciplinarmos nossos desejos e comportamentos sexuais e de obter o conhecimento e controle pessoal em todas as áreas relativas à sexualidade.

A castidade cria um relacionamento duradouro

A castidade é também uma grande força pela qual podemos equilibrar nosso relacionamento pessoal. Durante o importante período do namoro e noivado, os casais castos passam o tempo buscando entenderem-se um ao outro, comunicando-se e analisando sabiamente seus sentimentos, ao invés de fugirem da realidade, praticando intimidades inconvenientes. A castidade liberta o casal e permite que ambos construam um companheirismo potencialmente eterno.² Ela faz com que tenhamos uma perspectiva adequada de uma força poderosa. O mundo dá ao sexo a supremacia. A castidade nos ajuda a entender que ele é uma das diversas características importantes do casamento.

O mundo também nos ensina que nossa atitude principal relativa ao desejo deve ser a da gratificação pessoal. Se assim procedêssemos, criaríamos um relacionamento baseado no egoísmo, pois a ênfase maior seria em possuir, não em dar de si.

A castidade, porém, coloca as necessidades espirituais muito acima

da satisfação pessoal; ela realça mais o ato de dar de si, não de obter. Ela requer que nos sujeitemos a certas restrições por amor ao cônjuge. Alma deu o seguinte conselho a seu filho: “que tuas paixões sejam dominadas, para que te enchas de amor.” (Alma 38:12.)

O Presidente Kimball ensinou que a experiência sexual tem dois objetivos: trazer filhos ao mundo e exprimir “aquele amor existente entre um homem e sua mulher que produz a verdadeira unicidade.” (“Diretrizes Para Levar Avante o Trabalho de Deus, em Pureza”, Discursos da Conferência Geral, p. 166.) Ele disse também que “não conhecemos instruções do Senhor de que as experiências sexuais adequadas entre marido e esposa devessem limitar-se totalmente à procriação de filhos, mas encontramos muita evidência, desde Adão até agora, no sentido de que nenhuma medida foi tomada pelo Senhor a favor da promiscuidade sexual.” “O Plano do Senhor Para Homens e Mulheres”, *A Liahona*, abril de 1976, p. 3.)

Estes dois objetivos nos dão as diretrizes a respeito de como podemos manter estes poderes sagrados e santos nos limites que o Senhor estabeleceu. Dentro dos laços do matrimônio, uma atitude totalmente apática às necessidades e sensibilidade de um dos esposos seria violar esse sagrado propósito. Também o uso isolado destes poderes é uma perversão de seus desígnios sagrados. Tal procedimento faz com que a pessoa coloque em destaque suas próprias necessidades, acenda a cobiça e diminua a capacidade de dominar seus apetites.³ Ela centraliza toda a atenção em obter e não em dar de si.

É evidente que um casal que teve um comportamento casto antes do casamento provavelmente conseguiu desenvolver atitudes sadias para viver esse relacionamento ideal após o matrimônio.

O casal casto se preocupa em fortalecer-se mutuamente. Seu agudo sentido de responsabilidade os impede de praticar qualquer ato que seja motivo de fraqueza ou tentação ao outro. A modéstia no falar e vestir serve tanto para a proteção dos outros e do companheiro como de si próprio.

Esse interesse deve ir muito além do simples relacionamento físico. Quando a pessoa é casta e verdadeira em todos os sentidos, torna-se parte de um relacionamento cada vez mais forte e significativo. A castidade não somente é um sinal de amor pelo companheiro, como também pelo filho que pode nascer sob os convênios do templo e desfrutar de exemplos sadios numa família eterna.

A castidade constrói um relacionamento mais significativo com Deus.

O Presidente McKay declarou que “o caminho que leva a Deus passa pelo coração do homem”. Nossa comunhão com Deus é poderosamente influenciada pelo relacionamento que temos com os outros. A recíproca também é válida, pois o relacionamento que temos com nossos semelhantes requer a orientação divina, para que se torne amadurecido e eterno.

O amor é o mais sublime atributo que podemos desenvolver. Porém, se nossas atitudes forem egoístas, será difícil o Espírito Santo nos ajudar. Quando rejeitamos sua influência, nosso relacionamento com Deus se

deteriora e surgem sentimentos de insegurança, irritação e egocentrismo. Então, ao faltar-nos uma das forças mais positivas e alentadoras — o Espírito do Senhor — enredamo-nos em nossas dúvidas e temores, passamos a fazer exigências que restabelecem nosso equilíbrio, que nossos companheiros (as) são incapazes de suprir. Todo este processo faz com que nos tornemos insensíveis às necessidades daqueles que nos cercam, inclusive às da pessoa amada. Nada pode destruir mais rapidamente um bom relacionamento que esse tipo de atmosfera espiritual.

A castidade, por outro lado, permite que o Espírito Santo nos influencie e fortalece a confiança, que é a base de qualquer relacionamento duradouro. Através do amor que dedicamos aos outros, podemos reconhecer e aquilatar o amor que temos por nosso Pai Celestial e seu Filho, Jesus Cristo. Este é o mais importante de todos os relacionamentos. (Ver D&C 132:24.)

Para nos entregarmos plenamente ao Senhor, devemos primeiro aprender a controlar a nós mesmos. Para sermos seus discípulos, precisamos ter disciplina. Para que uma pessoa possa viver a lei da consagração, na qual ela tem que dar tudo o que possui ao Senhor, ela deve primeiro viver a lei da castidade, e para fazer isto, ela precisa colocar em prática as leis do sacrifício e obediência. Ao fazer isso, sua confiança “se tornará forte na presença de Deus” (D&C 121:45), e ela receberá “as palavras agradáveis de Deus, e regozijará em seu amor” (Jacó 3:2). É impossível descrever a alegria, paz e poder que essa atitude pode gerar. Falando desse tipo de experiência, o Presidente

McKay declarou: “Uma das mais sublimes experiências da vida é poder sentir abrir-se o intelecto, e a verdade expandir a alma.” (*Improvement Era*, dezembro de 1969, p. 31.)

Jamais poderemos entender plenamente o amor de Deus, a não ser que vivamos a espécie de vida que ele vive. Quando eu era mais jovem, muitas vezes costumava criticar alguns líderes da Igreja e as decisões que haviam tomado. Depois que fui chamado para ser bispo, comecei a ver as coisas de uma perspectiva diferente. Hoje em dia, sou menos tentado a criticar, pois conheço muito bem os problemas e sentimentos de um bispo. Da mesma forma, à medida que alcançamos a divindade, começamos a entender melhor como Deus é, e nosso relacionamento com ele se torna mais significativo. Mosiah nos ensinou que, ao servirmos ao Senhor, conheceremos melhor “os pensamentos e intenções de seu coração”. (Mosiah 5:13.) Quando vivemos como ele vive, aprendemos a nos importar como ele se importa, e a sentir o que ele sente. A castidade, como qualquer outro princípio do evangelho, nos ajuda a conhecê-lo melhor, porque ela faz nascer em nós características divinas *essenciais*, como a compreensão, autodomínio, amor e compaixão.

Toda vez que me sinto desamparado ao lutar contra as tentações, lembro-me de que Jesus “em tudo foi tentado, mes sem pecado”. (He-

breus 4:15.) Ele foi abençoado com um corpo físico que aprendeu a dominar, e como todos nós, Jesus tinha a capacidade de sofrer espiritualmente (ver D&C 19:18). Certamente o adversário deve tê-lo tentado de todas as formas possíveis, para fazê-lo pecar. Portanto, não importa quão fortes sejam as tentações que me sobrevenham, eu sei que o Salvador galgou um caminho semelhante há muitos anos atrás. Ele pode ajudar-nos e nos fortalecer ao trilharmos nosso caminho, porque compreende plenamente nossa condição mortal.

Devemos ser profundamente gratos pelo fato de, ao confessar e abandonar nossos pecados, ele não mais lembrar-se deles (ver D&C 58:42-43). Por todas as eternidades, eles não nos servirão de obstáculo devido ao sacrifício expiatório do Salvador. Que felicidade sentimos ao reconhecer que vocês e eu podemos ser purificados — totalmente limpos — de nossas transgressões!

Ao compreender o papel vital que a sexualidade desempenha em nosso desenvolvimento mortal, poderemos entender por que o Senhor, devido ao grande amor que tem por nós, nos deu a lei da castidade.

“Quão glorioso é aquele que vive uma vida casta. Ele caminha com destemor... é honrado e respeitado... é amado pelo Senhor, pois permanece sem culpa. As exaltações das eternidades aguardam a sua chegada.”⁴

Steve Gilliland, diretor do Instituto de Religião da Universidade Estadual da Califórnia, em Long Beach, é pai de sete filhos e serve como bispo da Primeira Ala de Lakewood, Long Beach, Califórnia.

1. Spencer W. Kimball, **Carta a Um Amigo**, (PBCT0758PO).
2. Steve Gilliland, “The Psychological Case for Chastity”, **Ensign**, julho de 1975, pp. 54-58.
3. Boyd K. Packer, **Somente Para Rapazes**, folheto, (PBAP0210PO), pp. 4-5.
4. Declaração da Primeira Presidência, emitida em 3 de outubro de 1942. Citada por J. Reuben Clark Jr., em **Messages of the First Presidency**, (Salt Lake City: Bookcraft, 1975, pp. 174-77).



Um Sinal de Advertência

Fenton Whitney

relatado por Mary Noel Rigby

Eu estava quase com medo de alcançar o grande promontório de rochas vermelhas, onde pararia para descansar minha parelha de cavalos e almoçar, pois Quenho, um índio renegado, poderia estar escondido por ali. Isto aconteceu no ano de 1925, quando o dinheiro era escasso. Naquela época, viajei diversas vezes por aquela estrada que levava de St. Thomas, Nevada, às montanhas de Bunkerville, com meu carroção e parelha de cavalos, levando postes de cedro em troca de um pagamento irrisório.

Os índios paiutes eram amigáveis e pacatos, mas Quenho era um renegado, e não tinha chefe a quem prestar contas de seus atos. O povo daquela região estava atemorizado por seus recentes ataques. Eu estava nervoso, impaciente e enregelado pelo impiedoso vento hibernal.

Minha querida esposa, Lettie, havia-se despedido de mim naquela manhã, com lágrimas nos olhos, segurando nossa filhinha em seus braços. "Fenton Whitney, se você vir qualquer sinal de índios, volte cor-

rendo para casa. Sei que necessitamos de dinheiro, mas precisamos mais de você."

Prometi-lhe tomar todo o cuidado possível, mas agora, ao olhar para aquelas montanhas, fiquei imaginando se não fora tolice fazer aquela viagem. Os planos que eu tinha de construir uma casa nova para a família impeliavam-me à frente. As vinte famílias mórmons que residiam em St. Thomas eram incansáveis fazendeiros e criadores de gado. Eu amava profundamente aquela cidade e o povo escolhido que lá vivia, e resolvera ajudar a construir um lugar de paz e segurança para minha família e os outros filhos que futuramente abençoariam meu lar.

A subida foi demorada, e minha parelha ofegava de cansaço. Ao entardecer, ela gozou de um merecido descanso e um saco de aveia. Esquadrinhei a estrada em busca de rastros recentes e perscrutei o horizonte para ver se achava qualquer sinal de um homem montado. A pequena fogueira que acendi ao abrigo de uma grande rocha vermelha aqueceu-me um pouco, mas não foi suficiente para afastar o íntimo receio que tinha de encontrar Quenho.

Ao amanhecer, iniciei os preparativos para recomeçar a viagem, enrolei minha manta de dormir, coloquei-a sobre o barril de água e verifiquei os arreios e animais. Naquela época do ano, minha manta de dormir, feita de acolchoados caseiros e cobertores macios, era um artigo de absoluta necessidade. Minha pesada panela de metal, aquecida nas cinzas do acampamento, permitiria que eu tivesse uma saudável alimentação quente, e com a farinha e fermento que eu trazia, poderia fazer biscoi-

tos, sobre os quais derramaria o gostoso melado do sul de Utah. Trazia também frutas secas e um pouco de carne de porco. Eu estava bem equipado.

Não conseguia livrar-me daquela estranha sensação, e agora, antes de galgar o estreito caminho que tinha à frente, olhei novamente em todas as direções. Não vi qualquer vestígio de perigo, mas estava cauteloso e alerta, ao desatar as rédeas e incitar os cavalos a partir. Uma nuvem de poeira esvoaçante seguia o carroção. Será que havia olhos hostis me espreitando naquelas montanhas solitárias? O céu azul-safira e as brancas nuvens pareciam um preságio de paz, mas o vento cortante prometia um frio terrível para aquela noite. Elevei uma fervorosa oração ao Senhor, pedindo proteção. Então, subitamente, ouvi um longo e agudo assovio cortar o ar, e ao escutá-lo, parei a carroça. Naqueles lugares desertos, era comum uma pessoa chamar a atenção de outra com um forte assovio, mas, embora olhasse para todos os lados, não via ninguém. Amarrei as rédeas, desci do veículo e caminhei alguns metros pelo mesmo caminho em que viera. Então, no fundo da ravina, avistei minha manta de dormir que tinha

caído de cima do barril. Em minha pressa de partir, havia esquecido de amarrá-la. Sem ela, eu estaria em sérias dificuldades naquela noite, ao pernoitar nas montanhas geladas. Alguém sabia disto e avisou-me.

Depois de recuperar a manta, subi para um local mais elevado, mas não pude ver ninguém, nem ouvi mais qualquer som estranho. Aos poucos, conscientizei-me de que aquele assovio fora um sinal enviado pelos céus, e humildemente agradecido, voltei para o carroção. Daquele momento em diante, desapareceram toda inquietude e todo medo, e meu ser se encheu da mais doce paz — uma paz que “excede todo entendimento.” (Filip 4:7.) Eu sabia que o Senhor estava cuidando de mim. Dele não passa despercebida a menor ave que cai ao solo — e minha manta também.

Naquela noite, o vento que balançava as árvores da montanha serviu de acompanhamento ao hino que havia em meu coração, quando arrumei minha cama sobre os troncos de cedro. As estrelas chegaram para junto de mim e pareciam murmurar “Deus está perto”. Naquele momento, a paz do Espírito Santo e o testemunho do amor divino encheram a minha alma.

“Existem Profetas Atualmente!”

Rosalind Jones

Quando ouvi falar pela primeira vez do evangelho, eu estava trabalhando no turno da noite no hospital. Nessa ocasião, algumas colegas conversavam sobre religião, e



como não podia deixar de acontecer, cada uma delas dizia que sua igreja era verdadeira, mesmo crendo em doutrinas totalmente diferentes. Eu sabia que todas elas não podiam estar certas, e afirmei que não impor-

tava a que igreja a pessoa pertencia, desde que ela cresse em Deus e Jesus Cristo.

Eu havia sido ativa na fé protestante por quinze anos e tentava viver todos os ensinamentos do evangelho conforme os entendia na Bíblia. Certa vez, nosso ministro disse que Deus não mais se revelava através de profetas, mas através das escrituras. Quando ele declarou isto, o Espírito falou tão alto aos meus ouvidos que senti que as outras pessoas também podiam escutá-lo dizer: "Isto é mentira." Eu não sabia o que significava aquela inspiração, por isso não falei nada a ninguém.

Então, durante a conversa que tivemos no hospital, uma destemida enfermeira disse que a Igreja Mórmon era verdadeira porque tinha um profeta vivo para dirigi-la. "Um profeta nesta época?" disse a mim mesma com desdém, e declarei que não acreditava no que ela estava falando.

"Posso provar meu ponto de vista", falou. Dizendo isto, trouxe um livro e me deu para ler — o Livro de Mórmon. Fiquei admirada com o que consegui aprender ao lê-lo, e ao continuar, tive a mesma sensação agradável de quando lia a Bíblia. Ao deparar com a exortação de Morôni, dizendo-me que perguntasse a Deus, o Pai Eterno, se o livro era verdadeiro, decidi que faria exatamente isso. Nunca havia pensado que o Senhor realmente se importava tanto comigo para me dar aquela resposta. Perguntei a ele se era verdade, porque acreditava em Deus e Jesus Cristo.

Naquela noite, sonhei que a Bíblia e as placas de ouro tinham sido trazidas diante de mim. As placas estavam reluzindo, tão brilhantes co-

mo o sol. Comecei a entender, em meu sonho, que ambos os livros eram verdadeiros, mas que o conteúdo das placas era mais verdadeiro e puro. Ao acordar, já possuía um testemunho. Em seguida, a enfermeira me deu o livro de Doutrina e Convênios, e ao acabar de lê-lo, tinha plena certeza de que desejava ser um membro da igreja que havia recebido tantas verdades nesta dispensação.

Assisti a uma reunião da Igreja, não sabendo como os membros receberiam uma mulher negra, numa igreja que, pelo que soubera, era só de brancos. Fui visitá-la, porque sabia que era verdadeira, e ao chegar lá, todos me trataram com amizade, entusiasmo e cortesia.

Recebi as seis palestras de suas adoráveis missionárias, mas meu marido não me deixou ser batizada, porque não podia entender a transformação que ocorrera em minha vida. Agora eu sentia uma aflição interior, pois conhecia a verdadeira igreja de Cristo e não podia filiar-me a ela. Oito meses depois, decidi não assistir mais às reuniões de minha antiga igreja. Tomei a resolução de jejuar, orar e contribuir para a Igreja Mórmon, mesmo que nunca pudessem ser batizada.

Passou-se um ano e, num domingo de jejum, meu marido disse-me que consentia que eu fosse batizada. Aquele dia, e o de meu batismo, foram os mais felizes de minha vida. Serei eternamente grata àquela enfermeira que me deu o Livro de Mórmon. Ela fez com que eu desse os primeiros passos no caminho da vida eterna, e agora sei que, se for fiel e perseverar até o fim, terei um lugar no reino do Senhor.

E Sem Caridade, Nada Somos

Maryan Myres

Quando cheguei à Terra Santa para estudar durante seis meses, havia tomado a firme determinação de me tornar uma mulher profundamente espiritual naquele curto espaço de tempo. A mais importante de minhas metas era conhecer melhor a Cristo, mas como poderia alcançá-la? Ali estava eu, na cidade em que ele vivera, vendo os campos por onde o Salvador andou e observando a natureza que ele gravou em suas parábolas. Eu estava conhecendo a terra do Mestre, mas aquilo era apenas o princípio. Eu queria conhecer o Salvador melhor do que quando ali chegara.

À medida que as semanas se passaram, comecei a trabalhar em todas as metas pessoais que havia estabelecido. Ao estudar as escrituras e ouvir os ensinamentos de meus professores, eu sentia a cálida influência do Espírito, mas de alguma forma aquela meta de conhecer melhor a Jesus Cristo não estava sendo atingida. Decidi-me, então, a servir de observadora e fazer algum serviço útil em alguma das obscuras aldeias árabes. Nossa função seria ajudar o povo nas áreas de nutrição, saúde e higiene.

O primeiro lugar que visitei foi um campo de refugiados, onde trabalhei com uma criancinha de um ano de idade, que pesava pouco mais de dois quilos e meio. Ao segurar

em meus braços seu frágil corpinho desnutrido, meu coração se encheu de tristeza e senti o desejo de gritar: "Diga-me o que posso fazer por você, e o farei!" A mãe da criança parecia ler meus pensamentos, quando toquei o tornozelo pequenino de sua filha e examinei seus dedinhos que pareciam de boneca. Ao pegá-la de volta, ela apertou-a nos braços e aninhou-a em seu regaço. Ao observar aquela cena, vi os olhos da menina brilharem de alegria. Talvez naquela escura e fria casa de adobe, que não tinha nem mesmo as coisas básicas necessárias à vida, existia amor e esperança familiar.

Enquanto estava ali, sentada, conscientizei-me de que uma das coisas mais importantes que podemos ter em nossa vida é o amor a nossos semelhantes. Como Jesus ensinou a seus discípulos:

"Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros: como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.

Eu pensava que meu estudo na Terra Santa me tornaria uma mulher profundamente espiritual, mas a lição mais importante que aprendi, ocorreu num pequeno lar de uma obscura vila árabe.

“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (João 13:34-35.)

Gradualmente comecei a sentir o Salvador entrar em minha vida.

Ao continuarmos a andar pelas colinas rochosas das aldeias árabes, fiquei observando as mulheres que carregavam água para seus lares, tirada dos riachos vizinhos, em bilhas que levavam sobre a cabeça. Aquela era uma atividade que não havia mudado desde os tempos de Cristo. Ao passarmos pelas ruas, as crianças se juntavam ao nosso redor com olhares curiosos, para ver os estrangeiros americanos.

Nossa visita àqueles lares humildes eram sempre bem recebidas. Os moradores nos faziam entrar com grande hospitalidade. Eu pesava as criancinhas e tentava dizer uma saudação ou palavra de agradecimento em idioma árabe muito mal falado. Nesses momentos, ao olhar para aqueles aldeões, sentia que realmente estava começando a amar aquele

povo. Eu ainda conservava uma pontinha de orgulho. Ansiava ardentemente falar sem qualquer reserva e expressar o crescente amor que sentia, mas meu coração ainda estava tolhido pela timidez.

Foi nessa ocasião que observei algo muito interessante a respeito de nossa guia árabe. Todas as senhoras da aldeia paravam para dar-lhe cordiais boas-vindas e até mesmo abraçá-la, num gesto de carinho e amizade. Perguntei a ela: “O povo daqui gosta um bocado de você, não é mesmo?”

Ela respondeu-me, num tom de voz que deixava transparecer o que sentia: “Maryan, isto acontece porque os amo de todo meu coração.” Não disse nada naquele momento, apenas concordei com um sinal afirmativo com a cabeça. Ela parecia entender que eu estava pensando no que dissera.

Certo dia, visitamos uma casa situada no sopé de uma colina, ao lado de uma estrada sinuosa. Quando nos



dirigimos para a pequena casa feita de pedras, todos os membros da família vieram encontrar-nos. O pai da família esforçou-se para dizer um "boa tarde" em inglês. Depois de haver conseguido pronunciar a saudação, ele olhou para mim com um sorriso envergonhado. Toquei-lhe a mão, como se quisesse dizer: "Você falou muito bem. Obrigada por tentar agradecer-me."

Sua esposa correu e foi buscar algumas esteiras para nos sentarmos no chão. Quando todos estavam acomodados, seus filhos reuniram-se ao nosso redor. Um dos meninos veio e balançou seu corpo junto ao meu, depois disso emitiu uma série de gemidos e gritos agudos. A nutricionista árabe disse que ele era "anormal" (querendo dizer que era mentalmente retardado). Quando ela me disse isto, procurei fazê-lo chegar-se bem perto de mim, para demonstrar que o amava.

Quando senti seu corpinho perto do meu, lágrimas banharam-me as faces. Aquela era a mais pobre de todas as famílias que visitáramos, mas eu não estava chorando pela pobreza em que ela vivia, mas porque amava aquela família árabe. Todas as barreiras que existiam em meu coração finalmente ruíram, e eu chorei sensibilizada por aquele profundo sentimento que tinha no coração.

Aquilo que sentia era um amor semelhante ao de Cristo?

"Mas a caridade é o puro amor de Cristo..."

"...rogai ao Pai com toda a energia de vossos corações, para que possais ser cheios com esse amor, que

ele tem concedido a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo; a fim de que vos torneis filhos de Deus e de que, quando ele aparecer, sejamos semelhantes a ele, pois o veremos como é; e que tenhamos esta esperança e possamos ser purificados como ele é puro." (Morôni 7:47-48.)

Eu sentia o desejo de pular e gritar de alegria, pois numa esteira, em uma aldeia árabe de Israel, havia descoberto a maneira pela qual podia tornar-me mais semelhante ao nosso Salvador. Quão pura me senti naquele momento de minha vida, e daria tudo o que possuo para me sentir eternamente como naquela ocasião.

A avó da criança dirigiu-se para onde eu estava. Eu sabia que ela podia sentir todo o meu amor, pois me abraçou e beijou-me o rosto diversas vezes. Embora não falássemos o mesmo idioma, o amor enchia todo aquele aposento.

Foi com muito esforço que saí daquele local, pois queria desfrutar eternamente aquilo que sentia no íntimo de meu ser. Mas por que não poderia descer a colina e conservar aquele amor em meu coração? O Senhor não nos ensinou que devemos orar, pedindo esta espécie de amor acima de todas as coisas, pois então nos tornaríamos semelhantes a ele? Sim, eu posso ser purificada através da caridade.

E agora, quando sou tentada a me revoltar ou fazer julgamentos precipitados, lembro-me das palavras de nossa guia árabe: "Maryan, isto acontece porque os amo de todo meu coração."

Poeira Sobre a Rosa

Ellen e Joyce M. Jensen



“**M**as o que é isto?” disse a mim mesma, quando entrei no quarto e encontrei sobre a penteadeira um vaso com uma flor. Era um solitário vidro verde, do tipo próprio para se colocar uma só flor, e tinha uma fita amarela enlaçada ao redor. Nele havia uma rosa artificial aveludada, feita com evidente cuidado e perícia.

Eu sabia que minha filha Ellen, de quinze anos de idade, costumava fazer aquela espécie de flores, geralmente a pedido das amigas ou para presentear-las. Mas, por que estaria dando uma delas a mim? Embora raramente discutíssemos, ela e eu havíamos tido uma alteração naquela manhã, e as nuvens tempestuosas que existiam entre nós ainda não se haviam dissipado.

Mas o que era aquilo junto da rosa — um bilhete para mim? Abri-o e comecei a lê-lo:

“Querida mamãe, esta flor parece algo muito pequeno para te dar, e é apenas uma cópia de um objeto real, mas possui a beleza de uma rosa verdadeira. Esta flor não é autêntica, mas isto tem um objetivo. As rosas verdadeiras morrem, mas esta sempre estará viva. O mesmo acontece com o amor que tenho por ti, mamãe. Mesmo que haja ocasiões em que pareça que não te quero, eu realmente te amo.

“Quando a rosa artificial ficar empoeirada e soprares sobre ela para que fique bonita novamente, o mesmo deve acontecer quando ficarmos amuadas. Sopra a poeira para longe, e nosso amor brilhará de novo. Eu te amo, mamãe, e nunca deixarei de amar-te.”

As lágrimas correram pelo meu rosto e fiquei envergonhada por não ter sido a primeira a pedir desculpas. Ellen fora mais corajosa. Ela fizera mais do que apenas eliminar os ressentimentos que existiam entre nós — dera-me uma dádiva de amor.

Ainda discordamos de algumas coisas ocasionalmente, mas agora nós duas sabemos quão superficial é a poeira que pode cobrir nosso relacionamento, e aprendemos a soprá-la tão logo apareça. E quando nuvens negras aparecem, vou para meu quarto e, com ternura e afeto, sopro também a poeira de minha rosa de veludo.

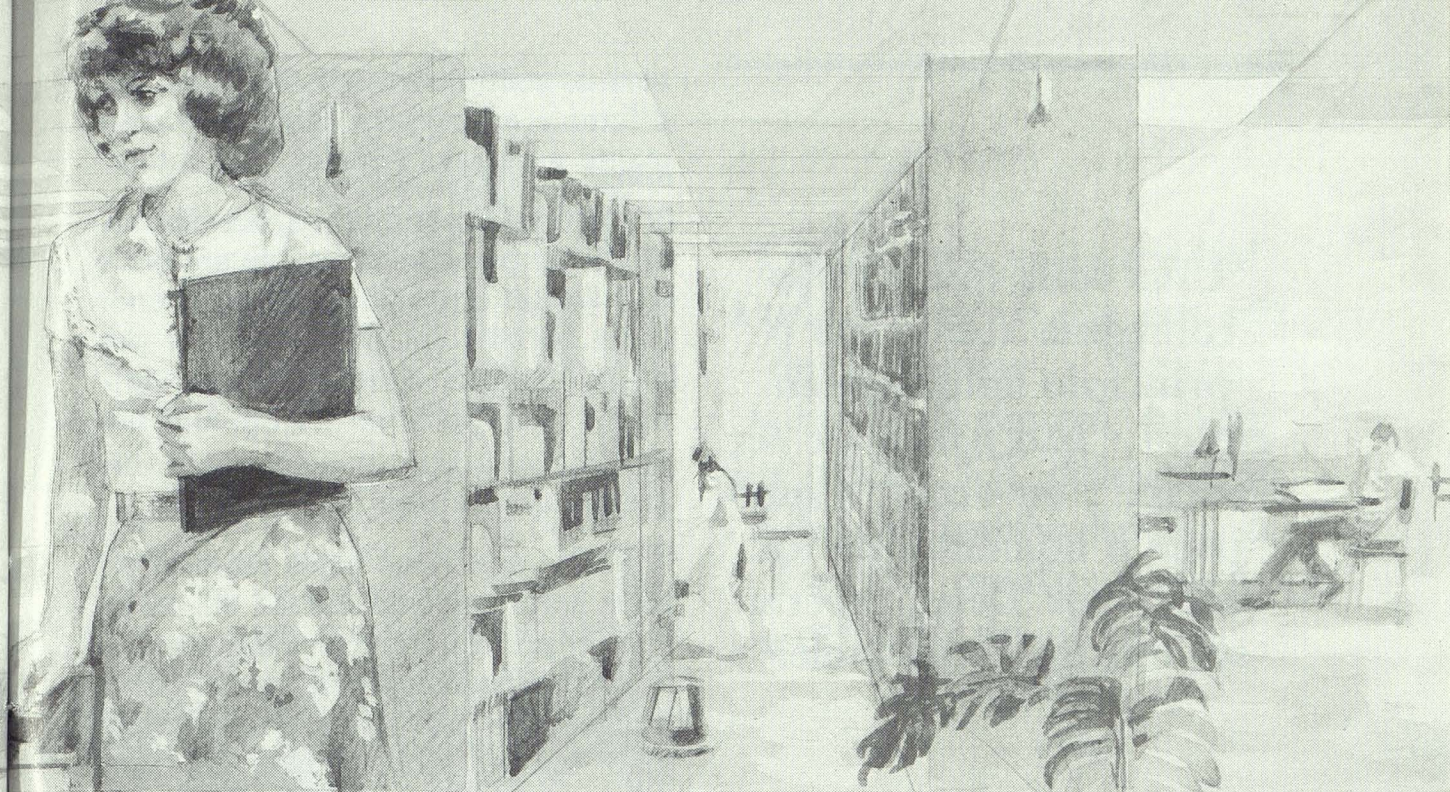


ALGUÉM QUE NÃO RIRIA DE MIM

Davi Capron

Eu tinha dezoito anos e estava cursando a última série do curso colegial, e achava que tudo estava correndo como desejava. Tinha muitos amigos, participava dos programas esportivos e antecipava um enorme sucesso para o ano seguinte, quando entraria na Universidade da Califórnia, em Berkeley, que já me havia informado que me aceitaria.

Certa vez o Lions Clube patrocinou um concurso de oratória e candidatei-me com a firme convicção de que seria bem sucedido. O tema foi "Os Desentendimentos Que Existem Entre Pais e Filhos São Reais ou Imaginários?". Escrevi meu discurso com idéias preparadas especialmente



a
o
e
o
i-
s-
t-
o
r-
a

para os juízes, e venci a prova derrotando uma jovem chamada Karen, que era membro da Igreja Mórmon.

Obtive êxito apenas porque disse-
ra o que os juízes desejavam ouvir,
mas, a meu ver, o discurso de Karen,
baseado nas doutrinas de sua igreja,
tinha sido bem mais convincente.
Seu pronunciamento envolveu-me na
sinceridade de sua crença. Não de-
morou muito e nos tornamos amigos.

i-
r-
e
ni
u
o
e

Quando nos conhecemos melhor,
as conversas que tínhamos muitas
vezes transformavam-se em debates
em que Karen defendia o ponto de
vista religioso e eu o científico, e
como resultado deles, ela sempre
saía frustrada.

Porém Karen tinha uma amiga
chamada Nese. Nosso relacionamen-
to na escola não passava de um sim-
ples cumprimento ocasional, mas ela
escutara atentamente os debates que
tive com Karen.

Nese nunca me disse diretamente
que era santo dos últimos dias. Cer-
ta vez, ela se aproximou da mesa
em que eu estudava na biblioteca e
perguntou: “Posso sentar-me aqui?”
Durante algum ponto da conversa,
ela disse que era membro da casa
de Israel. Eu entendi que ela queria
dizer que era judia.

Nosso horário de pesquisas coin-
cidia; assim, durante os meses res-
tantes de nosso curso, Nese e eu dis-

Uma coisa que eu não conseguia aceitar era o princípio do progresso eterno. “Isto não pode ser verdade”, eu dizia. “Como pode o homem, que foi criado por Deus, esperar ser um dia igual a ele?”

cutimos diversas questões religiosas que me não saíam da mente. Ela me disse, certa ocasião, que tudo o que desejava era partilhar suas convicções com alguém que não risse dela. Eu lhe dizia o que pensava a respeito de um determinado assunto, como a vida após a morte, e ela me explicava suas crenças referentes àquele assunto. Eu ficava assombrado com a sua confiança naqueles ensinamentos. Foi somente algum tempo depois que eu soube que ela era membro da Igreja Mórmon.

Nessa época, nossa conversa era tão agradável, que eu passei a almoçar junto com Nese e seus amigos mórmons. Era gostoso conviver com eles, pois não fumavam, não diziam palavrões nem faziam brincadeiras inconvenientes. Uma de suas qualidades mais admiráveis era a de não ridicularizar ninguém — respeita-

vam os sentimentos alheios. Era algo diferente estar junto deles, e eu realmente apreciava aqueles momentos.

No final do ano letivo, Karen convidou-me para participar de um Baile Auriverde. Eu não tinha a menor idéia do que era aquilo! Era a primeira vez que assistiria a um baile numa igreja, e teria de usar um terno! Fiquei surpreso ao ver que havia quadra de esportes na igreja.

Mas o que vi no salão cultural foi mais surpreendente ainda: ali os jovens e adultos conversavam, sorriam e até mesmo dançavam juntos. Meus amigos que não eram daquela religião sempre diziam que era uma atitude infantil gostar dos pais. Em todo o país, ouviam-se reclamações sobre a falta de comunicação entre os pais e filhos, e ali estavam pessoas que pareciam ser amigas umas das outras sem qualquer consideração de idade.

Perguntei a Karen qual era a razão daquilo tudo, e ela respondeu-me que era por causa da Igreja. Quando me levou para conhecer o edifício, fiquei pensando seriamente no que me dissera. Ao regressar à casa naquela noite, senti que aquelas pessoas eram extraordinárias, eram diferentes num sentido que eu não conseguia entender. Tinham muito de que se orgulhar.

Depois que terminei o curso colegial, arranjei um emprego temporário nas férias, e isso fez com que me afastasse do grupo de amigos que acabava de encontrar. Empreguei-me num posto de gasolina, onde me sentia infeliz devido à falta de interesse de meus colegas. Durante algum tem-

po, senti-me deprimido, descontente e solitário.

Certa tarde do mês de julho, Nese e uma amiga chegaram de carro ao posto onde eu trabalhava. Só o ato de vê-las elevou minha moral. Elas pretendiam cantar no festival ao ar livre do Templo de Oakland e me convidaram para assistir.

Nunca me esquecerei daquela noite. Foi a primeira vez que ouvi a história de Joseph Smith e de como surgiram os santos dos últimos dias, que já começava a admirar. Quando terminou o espetáculo, os espectadores se levantaram e cantaram o hino "Tal Como Um Facho" (*Hinos*, n.º 160.) Naquele momento, como eu gostaria de saber a letra da canção, para que pudesse também cantar junto! Sentia-me completamente cheio de amor e respeito.

Depois a multidão foi saindo lentamente. Quando me encontrava no estacionamento, fiquei extasiado, olhando o templo. Lá no fundo de minha mente, uma voz me disse que algum dia eu entraria naquele sagrado edifício.

Ao chegar o outono, Nese foi estudar na Universidade de Brigham Young, em Provo, Utah, e eu voltei para Berkeley, Califórnia, onde mergulhei novamente na mais negra solidão. As cartas de Nese chegavam com regularidade, duas ou três por semana. Perguntei a ela por que era mórmon. A carta seguinte quase não coube no envelope. Era uma explicação detalhada do esforço que ela fazia para permanecer ativa e manter um sólido testemunho, vivendo com sua família que era inativa na Igreja.

**Finalmente eu entendia!
Tudo se encaixava em seu
devido lugar... Sentia
vontade de dançar, cantar
ou correr. Ali, defronte ao
Edifício Joseph Smith, o
Espírito testemunhou-me a
respeito do plano do
evangelho.**

Certo dia, decidi ir à igreja. Foi uma decisão muito difícil para mim, pois não tinha ninguém para incentivar-me a assistir às reuniões. Eu tinha que resolver aquela dificuldade por minha própria conta.

Quando abri a porta, quase mudei de idéia. Ao entrar na capela, escolhi um banco vazio na última fileira e sentei-me sem vacilar. Será que aqui também ficarei sozinho? pensava comigo mesmo.

Então, subitamente, como que vindo do nada, apareceu Karen, que me apertou a mão. "Bom dia, David", disse ela com um sorriso. Eu já não estava só. Ela apresentou-me aos outros membros, guiou-me até a classe a que devia assistir e permaneceu ao meu lado durante toda a reunião.

Fiquei impressionado por encontrar uma classe em que eu podia for-

mular minhas perguntas e obter a resposta. Como se não bastasse a atenção que me deram, a professora, irmã Booras, se deu ao trabalho de agradecer-me por ter vindo. "Você abrilhantou bastante a nossa aula", disse ela. Nunca me havia sentido tão à vontade em minha vida.

Mas eu ainda não tinha aquele testemunho espiritual de que todos os membros me falavam. Gostava da Igreja e acreditava em muitos de seus ensinamentos, mas não tinha a convicção de que ela era verdadeira. Mas continuei a assistir às reuniões.

Um mês depois, Nese pediu-me que fosse com urgência à Universidade de Brigham Young. Saltei de alegria com aquela oportunidade e fui depressa a Provo para uma visita-relâmpago. Nese descreveu sua escola como se fosse uma parte de seu próprio ser. Ao caminharmos pelo campus só falávamos de religião. Minha mente estava transbordando de perguntas, como acontecera naquelas vezes em que nos reuníamos na biblioteca. Eu ainda não conseguia entender como as coisas se encaixavam no plano do evangelho.

Uma coisa que eu não conseguia aceitar era o princípio do progresso eterno. "Isto não pode ser verdade", dizia. "Como é possível o homem, que foi criado por Deus, esperar ser um dia igual a ele?"

Naquele momento, estávamos diante do Edifício Joseph Smith. Nese parou um instante.

"Dave", disse ela, "antes de recebermos um corpo físico, fomos criados espiritualmente como filhos e filhas de Deus. Sendo parte de nós,

nosso espírito vem diretamente dele, que é nosso Pai."

Finalmente eu entendia! Tudo se encaixava em seu devido lugar. Meu sorriso foi aumentando até transformar-se numa gostosa gargalhada. Não podia parar de rir. Minha mente saltava de doutrina em doutrina. "Sim, sim, tudo se está encaixando!" Eu sentia vontade de dançar, cantar ou correr.

Ali, defronte ao Edifício Joseph Smith, o Espírito testemunhou-me a respeito do plano do evangelho. Eu sabia, com todo o meu coração, que me filiaria à Igreja.

Mas eu ainda tinha que ler o Livro de Mórmon, aprender a orar e receber as palestras missionárias. Daquele dia em diante, minha vida mudou completamente. Eu havia encontrado a verdade, um objetivo na vida e toda uma existência a realizar. Cinco semanas depois, fui batizado.

Dezoito meses depois, a impressão que tive de que entraria no Templo de Oakland se tornou realidade, quando recebi meus endowments uma semana antes de partir para a missão. Ao retornar, Nese e eu decidimos continuar a jornada eterna que havíamos começado com uma conversa amigável na mesa de uma biblioteca. Casamos no Templo de Provo.

Toda vez que olho para minha esposa, agradeço ao Senhor por haver encontrado no colégio uma garota que possuía fé suficiente para "partilhar suas convicções com alguém que não risse dela". Ela tocou meu coração e transformou minha vida.

Quando examino minha vida e me recordo das decisões difíceis que já tive que tomar, uma delas se destaca entre todas as outras: *Devo fazer uma missão?* Esse era o maior desejo de meus pais. O bispo diz que devo ir. Alguns de meus amigos estão partindo para a missão, mas outros dizem que será um erro, e afirmam com convicção: “Imagine só todo o divertimento que irá perder.” “Que acontecerá a seus estudos?” “E sua namorada?” Parece que existe tanta coisa importante em jogo, que não posso perder dois anos de minha vida. Que devo fazer?

Se você se encontra diante desse dilema, peço-lhe que ouça o que seu coração diz. O Senhor fala através de seu coração: “Eu falarei a tua mente e ao teu coração.” (D&C 8:2.) Não dê ouvidos às influências externas que podem facilmente persuadi-lo

a tomar uma atitude contrária à vontade do Senhor.

O Presidente Kimball declarou: “Todo jovem deveria sair em missão.” (“Ide Por Todo o Mundo”, *A Liahona*, novembro de 1974, p.). Ele sugeriu também que os jovens devem crescer com um forte *desejo* de sair em missão. Quando isto acontece, é claro, a decisão foi tomada muito antes de ele completar 19 anos de idade, e se torna, portanto, mais fácil. Presto-lhes meu testemunho de que o Presidente Kimball é um profeta. Ele diz a vocês e a mim o que o Senhor gostaria de que ouvíssemos. Ouçam cuidadosamente, e seu coração lhe dirá o que deve fazer.

Por que você deve fazer uma missão? Diversas coisas me vêm à mente, quando penso a respeito da resposta a esta pergunta tão delicada. Não há dúvida de que a resposta é fácil: O Senhor diz que devo; o pro-

Bênçãos e responsabilidades
do Serviço Missionário

Seu Coração Lhe Dirá

Élder Jack H. Goaslind, Jr.,
do Primeiro Quorum dos Setenta



feta tem enfatizado este fato; sua família, os líderes da Igreja e outros membros o encorajam a servir — mas eles não são *você*. Lembro-me de como me senti bem, de dentro para fora, desde a ponta dos pés até o alto da cabeça, quando finalmente pude responder que sim. Depois recebi uma confirmação do Senhor de que havia procedido bem. Eu havia tomado uma decisão acertada, e o sabia. Pela primeira vez em minha vida, eu começava a pensar mais nos outros do que em mim, e aquilo me fez ter a mais doce sensação que me acompanha desde aquele dia. É algo recompensador dar um pouco de si próprio, para que outras pessoas sejam abençoadas. Esta é uma das razões pela qual nosso Salvador fez a seguinte declaração: “E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim. Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á.” (Mateus 10:38-39.)

Ninguém está pedindo que carreguemos a cruz que o Salvador levou, mas sim que levemos o amor que ele deu a todos os filhos de nosso Pai. Como você pode ver, se ele não tivesse carregado sua cruz, obedecendo à vontade do Pai, o grande plano de redenção teria fracassado, e toda a humanidade estaria perdida. Mas, porque ele cumpriu sua missão divina, podemos receber a plena redenção de nossos pecados, se nos arrependermos sinceramente; ganharemos a imortalidade através da ressurreição universal, e eventualmente, se guardarmos todos os mandamentos, poderemos receber uma gloriosa he-

rança no mundo celestial ao lado do Pai e do Filho — que é o maior de todos os dons de Deus, mesmo a vida eterna. Quando tomamos a *nossa* cruz como missionários, temos a responsabilidade sagrada de ensinar aos filhos de nosso Pai Celestial como podem obter estas bênçãos maravilhosas.

A experiência que tive na missão, com a idade de dezenove anos, proporcionou-me não somente a oportunidade de servir a meus semelhantes, mas também deu a minha vida um equilíbrio que, com toda certeza, não poderia obter de outra maneira. Aprendi a ter confiança em mim mesmo e no Senhor, pois conscientizei-me de que minhas orações eram ouvidas e respondidas. Adquiri também um forte testemunho do evangelho, colocando em prática os poderes do sacerdócio, e observando a influência do Espírito Santo no momento em que ele testificava a respeito dos ensinamentos que meus companheiros e eu partilhávamos com os pesquisadores. Aprendi como nunca em minha vida, o verdadeiro significado da caridade, comprovando o que o profeta Mórmon disse a respeito dela, que é “o puro amor de Cristo” (Morôni 7:47). Essa espécie de amor parecia penetrar em minha alma, e por senti-lo, tornou-se fácil exprimir aquilo que sentia no íntimo de meu ser.

Adquiri verdadeiro respeito e amor a meus pais, e a confiança que neles depositava aumentou. Ela já existia em meu coração, mas a senti com tal magnitude, como durante e depois

que estive no campo missionário. Aprendi a amar ao próximo, e desejava de todo meu coração, poder, mente e força partilhar com eles o evangelho de Jesus Cristo. Daquela época em diante, compreendi o verdadeiro significado do evangelho e sua influência em minha vida. Fiz amizade com algumas das melhores pessoas do mundo — o presidente de missão, meus companheiros e as maravilhosas famílias que ensinamos e batizamos. Tornei-me melhor aluno, não somente no campo missionário, mas também ao voltar para casa. Sob a influência do Espírito Santo, minha mente recebia coisas de maneira milagrosa, para ajudar-me a ensinar o evangelho. E o que é mais importante, através do suave e delicado Espírito do Senhor, eu recebia, em resposta a meus estudos, labores e orações, a confirmação de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Muitos podem dizer que podemos obter estas coisas sem ter cumprido missão, mas eu pergunto, é isso que o Senhor deseja? Para mim, o pronunciamento do Presidente Kimball, no qual ele diz que “Todo jovem deveria cumprir sua missão”, diz respeito a você. Ouça o que seu coração diz e encontre a felicidade que advém de servir a seus semelhantes.

“Lembra-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus; “E como se alegra ele com a alma que se arrepende! “Portanto, sois chamados para proclamar arrependimento a este povo. “E, se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias... e trouxerdes a mim, mesmo

que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

“E agora, se vossa alegria for grande com uma só alma que trouxestes a mim no reino de meu Pai, quão grande será vossa alegria, se me trouxerdes muitas almas!” (D&C 18:10, 13:16.)

Muitas vezes, é difícil resolver-se a cumprir uma missão. Testifico-lhe, porém, solenemente que é certo fazê-la. É isso o que o Senhor quer que você faça. É um mandamento com uma promessa de grandes bênçãos. De fato, os maiores sacrifícios que você terá de fazer, tornam-se insignificantes comparados às maravilhosas bênçãos que o trabalho missionário pode proporcionar. Essa decisão, quando tomada sob a influência do Senhor, tornará mais fáceis as decisões futuras, como as do casamento, educação e carreira profissional, e haverá menor possibilidade de tomar uma resolução errônea. Você saberá, como nunca em sua vida, “que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir vossos alicerces, para que, quando o demônio desencadear a fúria de seus ventos, quando soltar suas flechas no furacão, sim, quando todo o seu granizo e violenta tempestade vos colherem, nada disso tenha força para vos arrastar ao golfo da miséria e angústia sem fim, por causa da rocha sobre a qual estais edificados; porque é uma fundação segura, da qual não caem os homens que nela constroem”. (Helamã 5:12.)



REFERÊNCIAS DAS ESCRITURAS

Finalmente! Em formato de bolso,
contendo referências cruzadas
das obras-padrão.

É indispensável para o preparo de aulas
e discursos, bem como para o estudo
criterioso da doutrina da Igreja.

PBMI8133PO Cr.\$ 60,00

ALICERCES PARA O CASAMENTO NO TEMPLO

Novo manual para ser usado em um curso especial
de 12 semanas, na Escola Dominical, para jovens adultos.

Trata da preparação desses membros, ensinando-lhes atitudes, habilidades e
princípios que os ajudarão a conseguir as bênçãos do casamento no Templo,
tanto nesta vida como na eternidade.

PCSS8A7PO Cr.\$ 40,00

CURSO BÁSICO DE APERFEIÇOAMENTO DIDÁTICO

Substitui o antigo material de mesmo nome. É um curso de 12 semanas e
destina-se a auxiliar os membros a serem professores mais eficientes e inspirados.

Material do Professor: **PBTDO412PO Cr.\$ 75,00**
Material do Aluno : **PBTDO423PO Cr.\$ 40,00**

*Pedidos para a Divisão de Distribuição - Caixa Postal 26023
CEP 01000 - São Paulo - SP - por meio de cheque a favor de
Associação Brasileira da Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias.*



